



“Uma bomba”. Assim definiu o ex-governador César Borges sobre o fim da fábrica da Ford na Bahia. Anunciada nesta semana, a saída da montadora reflete um grave momento econômico do país e encerra uma história iniciada há mais de 20 anos, que envolveu diversos atores políticos e colocou a Bahia num patamar de destaque nacional. Agora, estamos como que a ver navios, já que carro...

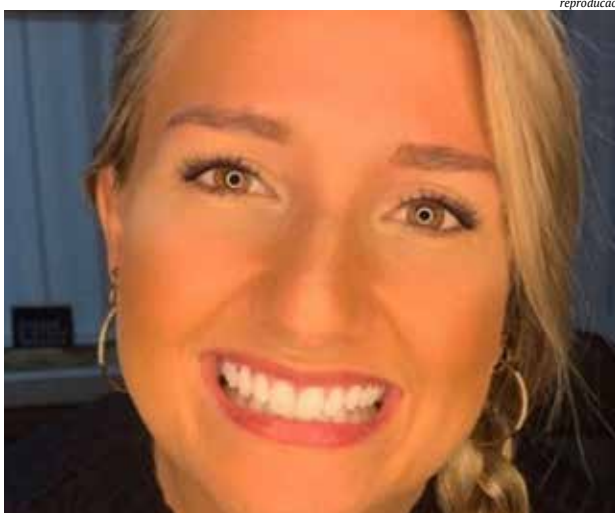
Págs. 4 à 7

QUEREMOS RESPOSTAS



IURI SHEIK

A Justiça baiana ainda não se manifestou sobre o julgamento do caso do influencer baiano Iuri Abrão, conhecido como Iuri Sheik. Desde que foi acusado de assassinar o empresário William Oliveira, em 2019, ele chegou a ser preso, mas passou a responder em liberdade no ano seguinte. Enquanto o caso aguarda julgamento, Iuri segue sua vida de ostentação nas redes sociais. Em seu Instagram, apesar de abandonar o apelido de Sheik, ele continua dedicando o espaço para lives, sorteios e fotos regadas a muito luxo.



CÁTIA RAULINO

A suposta jurista Cátia Regina Raulino se tornou ré nesta semana pelos crimes de uso de documento público falso, violação de direito autoral e fraude processual. Desde que foi denunciada, Cátia desapareceu.



CASO CARREFOUR

Enquanto aguarda um desfecho, o caso do assassinato de João Alberto no Carrefour ainda repercute. A Oxfam Brasil, organização que luta contra a desigualdade, segue cobrando supermercados para enfrentar o racismo.



OPERAÇÃO FAROESTE

O Superior Tribunal de Justiça (STJ) marcou para 9 de fevereiro a audiência de instrução no âmbito da Operação Faroeste. O caso investiga a conduta de juízes, desembargadores, advogados e empresários baianos.

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **Matheus Simoni**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész**

Editor de Arte **Paulo Braga**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Luciana Freire, James Martins, Juliana Rodrigues e Matheus Simoni**

Revisão **Matheus Simoni**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Jornal da
Metrópole
Grupo Metrópole
Rua Conde Pereira Carneiro, 226
Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

FRENESI ETERNO DE ADEMAR

Por **James Martins**
james.martins@metro1.com.br

Praça Castro Alves. Carnaval de 1984. Madrugada da Quarta-feira de Cinzas. A multidão, siderada, interrompe seus pulos frenéticos para sorver, em sagrado silêncio, a melodia que o francês Charles Gounod compôs em 1853 para se sobrepôr ao Prelúdio N.º. 1 em C maior, de Johann Sebastian Bach. A música atende pelo nome de “Ave Maria” e costuma tocar às 18 horas em rádios de todo o país. A cena, digna de Woodstock, chamou atenção da imprensa e despertou nos envolvidos a consciência da grandeza do momento. Parecia cinema. Imagem e som. Mas era mais que cinema, já que envolvia tato, presença. Teatro talvez. Mas também era mais que teatro: era Carnaval. E ainda mais: era o Carnaval de Salvador, em pessoas. O autor da proeza, Ademar Andrade, natural de Nazaré das Farinhas, comandava a banda Furtacor no bloco Papa Léguas e, desde ali, marcou seu nome na história. Nome que, aliás, passaria a ser Ademar Furtacor.

Nesta segunda-feira (11), aos 62 anos, Ademar Furtacor morreu, vitimado pelo câncer que o apossava desde 2010. Nes-



se período, porém, honrou a reputação de quem fez da reza folia e da folia uma reza, em plena praça do poeta. Voltemos à história: Aquele era um Carnaval especial, 100 anos do próprio, 10 anos de Ilê Aiyê, etc. No tradicional encontro de trios, o do Novos Baianos se recusa a dar passagem ao do Papa Léguas. Insolente, Baby Consuelo pergunta se é um “radinho de pilhas” que solicita. E é bem aí que Ademar ataca de Ave Maria e mostra que volume e intensidade são medidas diferentes. “Só existia eu e a música. Era

como se o mundo tivesse parado. Lembro que toquei com os olhos fechados e com o coração na boca, até a última nota”, contou anos depois.

Só ele e a música. Ela, aliás, o ajudou a segurar a barra da doença, esse tempo todo, até mesmo com alegria. “Esse mal devastador não vai tirar a minha alegria, nem a minha vontade de viver feliz”, declarou Ademar em 2018, ao lançar a canção “A Felicidade Tá no Sol”, que tematiza sua batalha. E completou: “Vou viver cada segundo como se fosse o úl-

timo e valorizar as verdadeiras coisas que importam na vida”. E por falar no que importa, a importância do autor de “Frenesi”, um verdadeiro hino do Carnaval, deve sempre ser reforçada. Amigos lamentaram a morte e também não faltaram em vida. Em outubro daquele mesmo ano, Luiz Caldas & Saulo subiram ao palco no show beneficente “Frenesi pra Ademar”, que arrecadou fundos para o tratamento do artista.

De volta a 84, naquelas Cinzas a proeza de Ademar inspirou uma crônica de Dom Avelar Brandão Vilela, então Cardeal Arcebispo e Primaz do Brasil, e foi exibida no encerramento do Jornal Nacional, rompendo a tradição global de fechar o programa com o desfile das escolas de samba. Assim, se o Axé Music nasceria, digamos, oficialmente, no ano seguinte, com o disco de Luiz, o menino da Furtacor já estava sedimentando o caminho. Anos depois, a revista Veja estampou em capa: “A Bahia Venceu”, sobre a disputa carnavalesca com Rio e Recife. E tudo isso passa pelos trilhos de Ademar. Jorge Amado previra que o afoxé ganharia o país. Cito: “É quando o toque do agogô / Chama a galera pra dançar / Ao som do rufar do tambor / Um frevo axé barbarizar”.

SR Clínica Odontológica
Dra. Silvânia Rocha
cuidados que fazem a diferença

**ONDE VOCÊ VÊ
UM PROFISSIONAL,
EXISTE UMA EQUIPE
DE ESPECIALISTAS.**

**CLÍNICO GERAL,
CIRURGIA, DENTÍSTICA,
DTM, ENDODONTIA,
ORTODONTIA, ODONTOPEDIATRIA,
PERIODONTIA E PRÓTESE**

71. 3052-1880



RESPONSÁVEL TÉCNICO: DRA. SILVÂNIA ROCHA - CREA 11071

BAHIA

FORD DÁ ADEUS AO BRASIL

Após mais de 100 anos de operação no país, montadora se despede e encerra história que teve grande contribuição da Bahia

Economia

Texto **James Martins e Luciana Freire**
metro1@metro1.com.br

A Ford foi a primeira fabricante de automóveis a se estabelecer no Brasil, em 1919. Em pleno Dia do Trabalho daquele ano, num galpão na Rua Florêncio de Abreu, em São Paulo, foi montado o Modelo T da marca. Mesmo com peças importadas, era de certa forma o primeiro carro “brasileiro” — bonitinho o descarado. E lá se vão 100 anos! A história da empresa criada por Henry Ford, em Michigan, nos Estados Unidos, também está intimamente ligada à Bahia, balizada até mesmo na toponímia soteropolitana. Pois nos anos 1960, por causa de uma placa promocional da marca, usada como ponto de referência, nossa orla ganhou para sempre a praia de Placaford, entre Piatã e Itapuã. Porém, nem só de pitoresco, mas também de muito trabalho, artimanhas e picuinhas típicas do jogo político fez-se a história que teve seu fim anunciado no último dia 11, quando encerrou-se a produção nas fábricas de Camaçari (BA), Taubaté (SP) e Horizonte (CE). Para revivê-la, precisamos evocar uma palavrinha hoje em desuso, mas muito em voga na época: carlismo. Sim, Antônio Carlos Magalhães, o ACM, junto a seus aliados políticos, ganhou uma verdadeira guerra em favor do estado.



**70 mil
empregos em
jogo, entre
diretos e
indiretos**

'FATO HISTÓRICO', LEMBRA EX-GOVERNADOR CÉSAR BORGES

Em entrevista a Mário Kertész, César Borges, governador da Bahia em 2001, quando a Ford instalou-se em Camaçari, lembrou: "Foi um fato histórico. Ainda no governo Paulo Souto, que me antecedeu, houve um esforço para trazer uma montadora para a Bahia. Chegou a vir o presidente FHC anunciar a vinda da Asia Mortos. Foi comprado um terreno no Polo de Camaçari, terraplana-

do e anunciado com pompas e circunstâncias". Após rememorar a falha no acordo com a empresa coreana, que não cumprira seus compromissos, ele cita a parte quente da jogada. "Me trouxeram uma matéria do Estado de S. Paulo que dizia o seguinte: 'Ford e GM sairão do Rio Grande do Sul por conta do não cumprimento dos compromissos assumidos pelo governo que assumia no RS',

que era do Olívio Dutra". E mais: "Fernando Vita e Fernando Barros me sugeriram uma matéria colocando a seguinte forma: GM e Ford, venham para a Bahia, aqui se cumpre compromissos". Publicada no mesmo jornal, a provocação não só causou muito estardalhaço, mas também deu resultado e a Ford se interessou de fato em vir instalar uma fábrica no Nordeste. Ou melhor, na Bahia.

PRECONCEITO ENTROU EM JOGO

No entanto, a luta ainda não estava ganha. Entraram em campo os paulistas, protestando contra os benefícios para trazer a Ford pra cá, como lembra Albérico Mascarenhas, membro do governo à época. E foi aí que se impôs a combatividade de ACM. "Se a Bahia não tivesse uma pessoa, um líder aguerrido como era Antônio Carlos, fatalmente o governo federal vetaria o projeto de lei

e pronto, assunto encerrado", disse. César Borges reforça: "Ele ligou para Brasília e disse: 'A Bahia inteira vai romper com o governo federal. Falo aqui como senador, líder político e o governador aqui vai confirmar a nossa posição. Nós ficaremos com nossa banca contra o governo FHC'. Ainda estamos em 1999, quando o presidente cedeu ao cabeça branca e firmou-se o compromisso.



divulgacao

EMPREGOS DIRETOS E INDIRETOS NA BAHIA

Não só Camaçari, mas toda a economia do estado mudou após a chegada da Ford, com a atração de outras empresas e melhorias na infraestrutura que beneficiaram todos os setores. Assim, o fechamento da fábrica obviamente terá efeito reverso, que as autoridades tentam, mas aparentemente de modo tímido amenizar. Para se ter uma ideia, a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais estima que o baque na economia local será em torno de R\$ 5 bilhões, 2% do PIB do estado. E segundo o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos da Bahia, Júlio Bonfim, estamos falando de 8 mil empregos (ou desempregos) diretos. "A Ford tenta, infelizmente, camuflar, dizendo que são somente 5 mil trabalhadores. Temos um acordo coletivo dentro do Complexo que já agrega todos os trabalhadores nas mesmas condições salariais, mesmos benefícios. Temos mais 4 mil trabalhadores de cinco

empresas satélites que prestam serviços diretos para a Ford, fora os 60 mil indiretos", diz. A participação do setor automotivo na produção de riquezas na Bahia foi de apenas 0,3% em 2019. Mas, considerando os impactos indiretos, o número é maior. Por isso, a movimentação do governo para lançar ações que possam amparar as empresas satélites e funcionários da montadora.

5 BI

é o baque esperado na economia

RUI CULPA BRASÍLIA POR “ABANDONO”

O governador Rui Costa lamentou o fechamento das fábricas da empresa e disse que já procura a Embaixada da China para sondar investidores para assumir a produção local, um terreno com 50 milhões de metros quadrados e um porto. Além disso, anunciou a criação de um banco de dados no Sinebahia, serviço de intermediação de mão de obra do estado, para que empresas possam contratar ex-funcionários da Ford. Para ele, a decisão da montadora reflete a política do

governo federal de abandono da indústria. “O que pensamos nos últimos cinco anos para aumentar o investimento em tecnologia e a industrialização? Nada. Estamos satisfeitos em nos tornarmos uma grande fazenda”, disse em entrevista ao jornal Folha de S. Paulo nesta terça (12). Já o prefeito de Camaçari, Elinaldo Araújo (DEM), comunicou que a prefeitura abriu um amplo programa para atração de investimentos para a cidade, a fim de reduzir o impacto negativo.



agencia brasil

FORD SAI DO PAÍS E DESEMBARCA NA ARGENTINA

O presidente Jair Bolsonaro alegou que a Ford não disse a “verdade” sobre o motivo do fechamento das fábricas no Brasil, e que a empresa queria subsídios do governo para continuar no país.

Segundo ele, o valor em subsídios para a Ford chegou a R\$ 20 bilhões “ao longo dos

últimos anos”. Na contramão dessa afirmativa, a internet ressuscitou um vídeo de 2019 em que o senador Jaques Wagner diz que Paulo Guedes tinha garantido, sim, em reunião com a bancada baiana, os incentivos fiscais para a multinacional até 2025.

Já o Ministério da Econo-

mia, pego com as calças nas mãos, minimizou a saída e afirmou que o Brasil vive uma “forte recuperação”, com resultados “superiores ao período pré-crise”. A pergunta que fica é, sendo assim, por que a Ford decidiu, em dezembro, investir 580 milhões de dólares na Argentina?

A QUEDA DE BRAÇO

Por sua vez, o ex-prefeito de Salvador, ACM Neto, defendeu uma ação dura contra a Ford: “Tem que ir do constrangimento à avaliação das possibilidades jurídicas”, disse. O ex-governador César Borges também acredita que a saída da montadora foi precipitada, mas ponderou: “Lamentavelmente, a década passada foi, economicamente, um desastre para o país. Ele não cres-

ceu por vários motivos, fiscais, logísticos. Isso fez com que a Ford viesse enfrentando dificuldades”.

O prefeito é neto de Antônio Carlos Magalhães, um dos principais atores políticos responsáveis pela chegada da Ford no estado. O então senador chegou a ameaçar romper com Fernando Henrique Cardoso diante da pressão de São Paulo e Rio Grande do Sul.

20 **BI**
foram os subsídios desde a sua chegada



divulgacao/ford

IMPACTO NA LINHA DE PRODUÇÃO

Agora, os modelos de carro EcoSport, Ka e Troller T4 vão sair de linha. O cliente que já deu sinal em um veículo 0km pode solicitar o cancelamento da compra, caso desista por conta do fechamento das fábricas. A orientação da Ford é que as concessionárias sigam o Código de Defesa do Consumidor. A fábrica de Camaçari, a primeira de montadora instalada na região Nordeste, produzia o Ka, Ka+ e o EcoSport, e, aos olhos

dos dirigentes mundiais da Ford, era uma referência. A unidade destacava-se pela modernidade dos equipamentos e também pelo conceito de produção, que em 2016 alcançou um resultado arrojado: a cada 82 segundos um carro saía da linha de montagem, desmentindo o folclore sobre a suposta morosidade local, usada pelos sulistas à época da disputa. Os executivos brasileiros consideravam o complexo a fábrica que salvou a empresa no Brasil.



ulisses dumas/argo imagens



“UMA BOMBA NO COLO DA BAHIA”

“Para mim foi uma surpresa total. Foi uma bomba que caiu no meu colo, da Bahia e do Brasil. Eu lamento muito. 11 de janeiro é um dia triste para a Bahia. Vamos ter que repensar um pouco, ou muito, o desenvolvimento industrial do estado. Sempre andar para trás é muito ruim. A mim me deixa mofinado, triste e preocupado. O fechamento da Ford é uma decisão estratégica da empresa. Ela se precipitou. Eles dizem que procuraram muito o governo federal, mas é um governo que fala muito em liberalismo econômico. Liberalismo significa deixar o empresário. Se ele não se aguentar das pernas, ele quebra”, refletiu César Borges na conversa com MK. A saída das fábricas Ford do Brasil é um desrespeito ao país inteiro e, no entanto, não pareceu capaz de nos mobilizar enquanto nação. Mesmo o ministro da

Economia foi avisado no apagar das luzes. Enquanto isso, a desindustrialização do país, em favor do super estimado agronegócio, é um assunto que deve mobilizar o Brasil em torno de novos projetos e desafios.

Por ora, estamos como que a ver navios, já que carro...

60%

das vendas da Ford saíram de Camaçari

DIGITAL E LONGE DA RUA: UM CARNAVAL DIFERENTE

5 DIAS

de festas vão
mudar de
palco em 2021

A menos de um mês da data que marcaria o abre-alas, artistas anunciam lives para não deixar folia passar em branco; outras festas populares seguem mesmo caminho

Folia 2021

Texto **Juliana Rodrigues**
juliana.rodrigues@metro1.com.br

O calendário de festas populares do verão baiano continua o mesmo, mas as celebrações serão bem dife-

rentes em 2021. A pandemia de Covid-19, que está em sua segunda onda no Brasil, impede grandes aglomerações e o Carnaval foi oficialmente cancelado pela prefeitura de Salvador. Não quer dizer, no entanto, que não vai ter folia: artistas baianos já anun-

ciaram lives especiais para a época momesca, entre os dias 11 e 16 de fevereiro. Quem quiser pode colar na corda, desde que seja direto da sala de casa.

Um dos dias mais agitados da folia em tempos pré-pandemia, o sábado de Carnaval

em 2021 não vai ficar muito atrás. As cantoras Ivete Sangalo e Claudia Leitte vão fazer uma live juntas no dia 13 de fevereiro, com transmissão ao vivo pelo YouTube, em horário ainda não divulgado. Também no sábado, à noite, o cantor Léo Santana e as bandas Pa-

rangolé e Harmonia do Samba vão recriar o show "Encontro" em uma live inédita. Segundo informações obtidas pelo **Jornal da Metrópole**, cada artista se apresentará em um trio elétrico estacionado, e haverá passarelas ligando os veículos carnavalescos.



rafa mattei/divulgacao



inacio teixeira/coperphoto secom

OLODUM E BELL CONFIRMADOS

Em 2021 não vai ter a tradicional saída do Camaleão no circuito Barra-Ondina, que costuma acontecer no domingo de Carnaval, às 16h. Mas os fãs do cantor Bell Marques não ficarão desamparados: no dia 14 de fevereiro, nesse mesmo horário, o artista fará uma live com transmissão pelo YouTube, intitulada “Meu Carnaval”. Em postagem nas redes sociais, o artista prometeu apresentar uma música nova, “Brilhaê, Camaleão”.

Outro ícone do Carnaval baiano, o bloco afro Olodum, também fará uma live especial para a folia, ainda sem data confirmada. A informação foi divulgada nas redes sociais. “Avisa pra todo mundo que vai rolar live de Carnaval do Bloco Olodum. A produção que me perdoe, mas notícia boa tem que ser compartilhada”, diz. O Olodum foi o primeiro bloco afro a anunciar uma apresentação transmitida pela internet no período carnavalesco.

inacio teixeira/coperphoto secom



divulgacao

PIPOCA DE ARMANDINHO SAI DA AVENIDA E VAI PARA A SALA

Há quem diga que o Carnaval baiano não está completo sem a “pipoca” do trio Armandinho, Dodô e Osmar, comandada pelos Irmãos Macedo. Os fãs podem ficar tranquilos: em entrevista ao **Jornal da Metrópole**, Armandinho sinalizou que o show com transmissão pela internet vai acontecer. “Estamos projetan-

do uma live durante o Carnaval para o nosso público poder curtir as músicas da nossa história, porque é o que está rolando agora”, disse.

Em meio a tantos anúncios de lives carnavalescas, Armandinho cobrou maior apoio aos artistas independentes e de menor expressão por parte do governo.

“Se houver alguma programação oficial, espero que se pense nos artistas que dependem do Carnaval e que não vão fazer nada. Esse é um bom momento para todos se ajudarem”, disse. Até o momento, o governo do Estado e a prefeitura de Salvador não anunciaram programações oficiais de Carnaval online.

4
LIVES
estão confirmadas para o carnaval



TRADIÇÃO VIRTUAL

Outros eventos também serão online: sem cortejo e sem lavagem das escadarias, a celebração ao Senhor do Bonfim, que acontece nesta quinta (14), terá missas transmitidas pela internet. A imagem sagrada seguirá um percurso em carro aberto sem público.

Sem a possibilidade de aglomeração, as celebrações a Iemanjá, que ocorrem todo ano no Rio Vermelho, também serão

diferentes. O Lálá Casa de Arte, que há dez anos realiza o Festival Oferendas entre os dias 1º e 2 de fevereiro, prepara uma edição virtual, viabilizada por recursos da Lei Aldir Blanc. A programação terá nomes como BNegão, Josyara e Alice Caymmi. “O objetivo é que a gente abandone a nostalgia das edições anteriores, porque a de 2021 vai ser algo novo”, diz o produtor Luiz Ricardo Dantas, gestor do espaço.

MARGARETH DALCOLMO

“JANEIRO

mais triste”
dos últimos
tempos,
segundo
avaliação da
pesquisadora
da Fiocruz

■ Pneumologista

A pneumologista e pesquisadora da Fiocruz, Margareth Dalcolmo, avaliou o crescimento cada vez maior da pandemia de coronavírus logo no primeiro mês de 2021. Em entrevista a Mário Kertész na **Rádio Metrôpole**, ela comentou que há uma série de indicativos que mostram o país terá “o janeiro mais triste” dos últimos tempos.

“Eu gostaria muito de estar errada. Mas tudo indica que, estamos no dia 8, e não estou errada. A situação é muito grave. Tivemos um recrudescimento importante no número de casos. Uma segunda onda se materializando em várias áreas do Brasil, a começar pelo Norte. A situação é bem dramática, como sabemos. Não tenho dúvida. A situação no Rio de Janeiro é muito grave em termos de transmissão. A cepa mutada, que não é mais grave, mas é mais transmissível, já circula entre nós em todas as áreas urbanas, de modo que nós ve-



mos com grande preocupação o momento atual. Não há dúvida”, disse a especialista.

Ainda segundo Dalcolmo, há uma série de ações praticadas por lideranças políticas que trazem desinformação durante a pandemia da Covid-19. “Não há dúvida que houve um recrudescimento, uma taxa de casos graves internados e de gente mais jovem. Todo mundo foi para a rua, foram feitas festas, celebrações e tudo o que dissemos que não era para ser feito. Continuamos a conviver com essa dicotomia entre o que nós dizemos e algumas autoridades, que prestam um desserviço enorme ao Brasil, dizem. Isso confunde a opinião pública, aumenta a onipotência dos mais jovens e assim vamos. O resultado é muito preocupante”, afirmou.

Questionada sobre a vacinação e as negociações do governo brasileiro para tentar viabilizar imunizantes ao país,

TIMING

Margareth Dalcolmo reclamou que o Ministério da Saúde perdeu o “timing”. “Essas encomendas estão feitas há meses. O Canadá, por exemplo, tem cinco doses de vacina para cada habitante, não é porque o Canadá deixou para última hora. Ele está negociando há meses com os fabricantes. O que vai acontecer é que países como o Canadá vão doar os seus excedentes”, afirmou a pesquisadora.

“É patético ouvir que a Pfizer vai negociar 500 mil doses”



■ Ex-ministro e ex-prefeito

O ex-ministro Fernando Haddad (PT) comentou sua saída do cargo de colunista do jornal Folha de S. Paulo na semana passada, após um editorial publicado pelo periódico. Em entrevista a Mário Kertész e Malu Fontes na **Rádio Metrópole**, ele pontuou a reação a um artigo do jornal O Estado de S. Paulo, que sugeria que o Supremo Tribunal Federal (STF) mantivesse a condenação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). O edi-

torial da Folha não menciona o artigo nem as manifestações de Haddad em redes sociais. Refere-se à eleição de 2018, dizendo que ele “assumiu o papel de poste e a chapa surfou nos votos que Lula ainda era capaz de amealhar, sendo derrotada por Jair Bolsonaro no segundo turno sem conseguir apoios expressivos”. Em seguida, o texto menciona que Haddad lançou a candidatura de Lula no fim do ano passado “talvez esperançoso por uma nova chance”. “O que me ofendeu, e acho que um editorial tem que se dar o respeito, foi que eles disseram que

eu estava defendendo o Lula por oportunismo. É isso que eles disseram. Criticar o meu o meu posicionamento eles fazem isso a vida inteira. A Folha de S. Paulo é crítica ao PT desde que o PT nasceu. A Folha, o Estadão, O Globo, a rádio Bandeirantes, a rádio Jovem Pan e a rádio CBN. Todo mundo é crítico ao PT. Eu, todo dia, sofri críticas como prefeito. Eles achavam o seguinte: se o Haddad se reeleger, ele é o candidato a presidente do PT. Quiseram minar qualquer chance política”, afirmou Haddad na **Metrópole**.

“Não é próprio de um edi-

torial. Não é a primeira vez que apronta. A Folha já falou em ‘ditabranda’, em Jair Rousseff. Imagina você, um jornal que pega o sobrenome da presidenta Dilma e põe do lado do nome de uma pessoa que defendeu a sua tortura”, comentou o ex-ministro.

“Se o jornal não se dá o respeito, por que eu tenho que respeitar?”



MALU FONTES

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metrôpole

FORD: NADA ESTÁ BOM, NUNCA

Nos últimos anos, os trabalhadores brasileiros comeram o pão que o diabo amassou, sempre torturados com a tese, na imprensa, nos locais de trabalho e nos cursos de reciclagem nos quais apostam para salvar sua empregabilidade, de que tudo de ruim que acontecia com suas vidas, todas as perdas de direito, eram para quê? Para o bem deles próprios, empregados e desempregados. A reforma trabalhista era para quê? Para fazer com que o mercado, com custos menores por cada trabalhador, pudesse voltar a contratar, a gerar novos milhões de vagas. Ah, o trabalhador brasileiro era muito caro. Baixariam-se os custos e os empregos se multiplicariam. Uma multidão foi dispensada e os novinhos contratados ficaram baratíssimos. Ou se submetem a vender suas 24 horas do dia a preços módicos ou vazam sem trabalho.

Com mais gente trabalhando, mais dinheiro em circulação, mais consumo e mais desen-

volvimento, o Produto Interno Bruto cresceria e aquela ladainha otimista toda dos economistas e âncoras dos telejornais de todas as matizes editoriais. Mas, na prática, o que aconteceu? Está aí um contingente imenso de gente procurando emprego e trabalho e não acha. Outro contingente trabalhando em condições de exploração, e o surgimento dessa categoria chamada pelo nome bonito de empreendedor individual, que vai do ambulante que rala mais de 12 horas na rua para ter uma renda mínima aos motoristas de aplicativos e aos entregadores de comida. Perguntem se todos eles não preferiam ter um emprego formal. Mas emprego é coisa do século XX. No XXI, a palavra é trabalho, e sorte de quem tem alguma habilidade para vender e encontre no mercado quem esteja disposto a pagar por ela.

Veio a Reforma da Previdência, que iria tirar o país do afogamento financeiro, ajudar

a sanear as finanças do Estado, equilibrar as contas públicas, consertar o déficit público brasileiro para, enfim, o governo construir o futuro, investir em infraestrutura, saúde, educação, tudo o que a gente já sabe. A Reforma foi feita. Os efeitos positivos, dependendo de a quem se pergunte, continuam difíceis de enxergar. E todos já parecem ter esquecido das duas reformas.

Agora, o que está em cartaz é a queixa de que o país não avança, a economia não deslancha e não sai do atoleiro porque não se acena com segurança jurídica para o capital estrangeiro e porque o Congresso não consegue fazer a reforma tributária para desonerar a folha de pagamento, para mexer no tal custo Brasil. O capital e as engrenagens da economia sempre terão seu alibi da vez, um vilão no colo de quem atiram todos os argumentos para cortes de investimentos, fugas de capitais, freios nas estratégias. Na verdade, independen-

temente de cenários favoráveis ou de crises, como a de agora, acentuada pela pandemia, nada haverá de estar bem, nunca, na boca do empresariado.

DIABO - Na segunda-feira, quando o país foi surpreendido, inclusive os governos dos respectivos estados, o presidente da República e todos os escalões, de que a Ford fecharia todas as suas unidades no Brasil, a primeira grita foi: a montadora está deixando o Brasil porque este é um país impossível, com regras impossíveis, um governo idem e o custo Brasil é insuportável. Há um quê de verdade nisso? Há. Como o diabo mora nos detalhes, unzinho, um detalhe, para ilustrar o tal custo. Quem passou recentemente pelas vias rodoviárias que ligam Camaçari à BR324 e por onde precisava passar o escoamento de toda a produção da Ford, viu as condições das pistas? E aquilo é só uma amostra das rodovias brasileiras. A própria 324, pedagiada, é um horror.

Mas é bom manter algum senso para compreender que não só pelo custo Brasil, ou por conta de Bolsonaro, ou por não obter subsídios generosos dos governantes, a Ford anunciou sua saída do país. O mundo como o conhecíamos acabou e os ventos que determinam a manutenção ou a fuga de investimentos de uma indústria com a complexidade da automobilística são outros. A clientela que chega é outra, os sonhos de consumo estão em transformação e o capital é estratégico e move-se como aves de arribação. Fogem antes da tempestade chegar, de olho em um futuro que a gente ainda nem vislumbrou. Estão certos os que falam todo o tempo em custo Brasil, mas não deixa de ser o topo da incoerência que as mesmas pessoas que falam tanto nisso não movam um cílio para acudir a tragédia que é a formação educacional do brasileiro médio. Com a formação escolar que temos, nosso futuro é a marcha ré.